

7

Grupos de Estudos em comunicação: uma experiência de formação discente - GEISC

Bruna Rocha Silveira¹
Fernanda Lopes de Freitas²
Lúcia Loner Coutinho³



Resumo:

Fazer da pós-graduação um lugar de partilha e fomentar a discussão salutar entre diferentes correntes teóricas e metodológicas é o grande desafio e razão de ser do Grupo de Estudos Imaginário, Sociedade e Cultura (GEISC), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Nesse artigo, apresentamos a proposta de trabalho de um grupo de estudos formado e gerido por discentes, a partir da história e do trabalho feito pelo GEISC. Para tanto, apontamos os desafios que são comumente enfrentados para a formação e manutenção de grupos de estudo formados por discentes com diferentes projetos de pesquisa e orientadores, bem como apresentamos as conquistas coletivas que vivenciamos nessa trajetória e a importância da existência desses grupos nos programas de pós-graduação para a formação do pesquisador.

Palavras Chave:

Comunicação; pós-graduação; grupos de pesquisa.

Abstract:

Turning the post graduate experience into a place of sharing and healthy discussion between different theoretical and methodological sources is the greatest challenge and reason of GEISC (Group of Studies on Imaginary, Society and culture) of PUCRS Post-Graduate Communications Program. In this article, we present a proposal of groups formed and managed by students through the history and work done by GEISC. For that, we will point out challenges that are commonly faced in forming and maintaining a study group with students with different research projects and advisor professors, as well as the achievements made collectively, and the importance of such groups in post graduate programs for the formation of researchers.

Keywords:

Communication; post-graduate; research groups.

O processo de criação e funcionamento de um grupo de estudo formado por discentes de pós-graduação demanda interesse e disciplina. Agrupar alunos em diferentes estágios de formação e com diferentes perspectivas sobre pesquisa são dificuldades a serem conjugadas. Neste artigo, discutimos sobre a experiência de formação e trabalho de um grupo de estudos formados por alunos de pós-graduação em comunicação, para tanto realizamos um pequeno histórico do grupo, e abrimos duas fontes de discussão, a metodologia de trabalho do grupo e os desafios no cotidiano deste.

O Grupo de Estudos sobre Imaginário, Sociedade e Cultura (GEISC) nasceu a partir da proposta da coordenação do programa de pós-graduação da Famecos de fomentar a discussão e integração dos alunos em grupos de estudo próprios e autônomos. Inspirado no modelo utilizado no programa de pós-graduação em Sociologia da Cultura da Universidade Paris V, local de formação dos professores do Programa de Pós Graduação em Comunicação da PUCRS, Juremir Machado da Silva e Cristiane Freitas Gutfreind, propositores do projeto, o GEISC foi formulado pelas então alunas de mestrado Carolina Díaz e Ediliane Boff, em 2008. Em seus quase cinco anos de existência o GEISC tem feito crescer a ideia de troca de perspectivas teórico-metodológicas, discussões acadêmicas e produção discente.

Para a professora Cristiane Freitas Gutfreind⁴, os grupos criados pelos alunos são um importante meio de interação acadêmica e formação do pesquisador e têm como objetivos, promover a discussão acadêmica, além das pesquisas individuais do aluno com seu orientador; proporcionar trocas de experiências interinstitucionais; fomentar a produção discente; e servir como um espaço para a reflexão

metodológica. Para a professora, é importante que os grupos mantenham-se formados e geridos pelos próprios alunos. A iniciativa da criação destes grupos formados pelo corpo discente foi motivo de elogio ao PPGCOM da Famecos nas avaliações realizadas pela CAPES, segundo a professora. O GEISC é o grupo mais antigo do programa, que conta hoje com outros seis grupos formados pelos alunos⁵, em sua maioria, bolsistas do programa⁶.

Metodologia de trabalho

O campo da pesquisa acadêmica possui caráter solitário, em que o relacionamento dos pesquisadores costuma se restringir na convivência com seus orientadores. Esse é um dos fatores pelos quais os grupos de estudos, em especial o GEISC, são espaços propícios para, não somente troca de informações sobre projetos, mas também, como auxílio na construção de um saber interfocal, capaz de abarcar as mais diversas vertentes abordadas pelos demais colegas. Dúvidas são divididas bem como angústias sobre o caminho a ser tomado pelos nossos projetos de pesquisa. Assim, a importância da convivência se faz primordial para o desenvolvimento humano e cognitivo de nossa jornada científica e acima de tudo, pessoal. Segundo Morin, os conhecimentos fragmentados “não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios de nossa época” (2002, p.17). Assim, embora sejamos todos pertencentes a uma área específica do conhecimento, as ciências sociais aplicadas, tentamos unir diferentes pensamentos e ideias a fim de expandir nossos horizontes intelectuais.

Entretanto, falar sobre a metodologia destes grupos de pesquisa, ou ainda, de estudos, parece algo um pouco contraditório, pela pluralidade de

saberes encontrada nesses, mas ao mesmo tempo, de extrema relevância para a compreensão do conhecimento particular dos estudiosos. Por isso, utilizamos a expressão metodologia, aqui, não somente, em seu sentido etimológico acadêmico, relacionado ao método e técnicas de pesquisa, mas sim como o caminho a ser seguido. Para Morin (2002), uma “cabeça bem feita” se faz com “princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido” (p.21), assim, trilhamos esse caminho com o objetivo não só de acumular saberes, mas de tratar nossos problemas de forma que consigamos lhes dar sentido na sociedade em que vivemos.

Em sua breve história o GEISC foi moldando um foco e uma sistemática de trabalho, e procurando melhorá-la, reparando problemas encontrados. Em seus primeiros dois anos de funcionamento, o GEISC focava-se quase que somente na apresentação dos projetos de pesquisa de seus integrantes, no entanto, com o passar do tempo, chegou-se a conclusão de que somente tal apresentação e discussão não eram suficientes. Desde então tem sido realizado um esforço para serem incluídos no cronograma de atividades semestrais, momentos como a discussão de temas pertinentes à vida e comunidade acadêmica, debate sobre grandes temas conceituais, etc. A apresentação dos projetos individuais ainda é de extrema importância – e muitos dos integrantes o utilizam como forma de testar a estrutura de seus trabalhos e ouvir opiniões e questões relativas às suas pesquisas sob outras perspectivas teóricas, muitas vezes não observadas na dinâmica entre o aluno de pós-graduação e seu orientador.

Como parte desta moldagem e adaptação ao momento, já que em termos de membros e participação há grande sazonalidade, está uma guinada da temática geral do GEISC para

um viés mais focado nas temáticas de cultura e sociedade, e menos relativas ao imaginário. Como o funcionamento do grupo é negociado pelos seus componentes, especialmente aqueles mais assíduos e, portanto, integrados, tal mudança se deu de forma natural, uma vez que estes eram os temas mais caros a seus integrantes.

O grupo funciona guiando-se por um cronograma de atividades semestral, discutido sempre no começo de cada semestre. Essa forma baliza as reuniões e propósitos de cada período, porém não tem como objetivo a restrição, deixando sempre espaço para possíveis alterações conforme a necessidade. O grupo se encontra a cada duas semanas e, como mencionado anteriormente, uma de suas atividades principais é a apresentação dos projetos individuais, que invariavelmente suscitam questionamentos e intervenções por parte dos colegas – fator que pode ser extremamente proveitoso para o aluno. No entanto, entre outras atividades desenvolvidas durante os encontros estão discussões conceituais, nas quais os participantes expõem diferentes posições acerca de uma questão; encontros que procuram esclarecer e debater demandas importantes sobre a vida acadêmica e profissional; exercícios que têm como objetivo contribuir para a reflexão metodológica e encontros com convidados de fora do grupo que possam enriquecer determinados pontos. Para o funcionamento desta dinâmica, uma pessoa, ou por vezes, duplas, fica responsável pela reunião, trazendo material, propondo a discussão, atividades, etc. Assim, todos são responsáveis pelo GEISC.

Vale lembrar também que, para o bom funcionamento do grupo, são indispensáveis materiais que facilitem a comunicação entre os membros, bem como divulgação. Para tanto o GEISC sempre se utilizou de uma lista de emails,

por onde é realizada toda a interação entre o grupo. Como outras ferramentas, contamos com um blog de divulgação e uma página no Facebook⁷.

Devido à metodologia utilizada, o GEISC, tem se mostrado eficiente e efetivo em suas propostas de trabalho. Não devemos, entretanto, esquecer que o grupo foi se adaptando ao decorrer do tempo, já que a rotatividade de participantes foi expressiva. Hoje, com as reuniões quinzenais, possui um quorum significativo, com pesquisadores engajados em construir saberes e percorrer novos caminhos da comunicação, cultura e imaginário. Algo que devemos salientar, é que o grupo, autogerido pelos alunos participantes, tem a cada ano um coordenador escolhido para coordenar as reuniões, publicações e demais atividades e relacionamentos desenvolvidos pelo GEISC.

Desafios e conquistas de um Grupo de Estudos

Os desafios para manter um grupo autogerido por alunos são muito grandes, visto que no Brasil, a tradição é de projetos coletivos coordenados por professores dos programas de pós-graduação e não por discentes. Por isso, a necessidade de uma atuação responsável não somente pelo coordenador desses grupos, como também, dos demais pesquisadores que devem estar imbuídos em edificar e manter o bom funcionamento e eficácia dos objetivos propostos.

Os projetos desenvolvidos pelos grupos de estudos discentes não recebem incentivo financeiro das universidades ou entidades de amparo à pesquisa, contando com a disciplina e a organização dos integrantes para a continuidade das ideias e projetos. Os encontros, assim, possuem como objetivo central a troca de experiências científicas entre os estudantes, fazendo com que o processo

de elaboração das dissertações e teses seja menos complexo e mais proveitoso e enriquecedor para a composição destas pesquisas. Cada uma destas reuniões possuem um tema diferente que incita o debate das ideias circulando pelo *quorum* a fim de despertar percepções e *insights* necessários para a construção do conhecimento.

Cabe-nos salientar, que os grupos de estudos como o GEISC só são possíveis, por estarem integrados à cultura universitária, o que nos proporciona ter contato com diversas áreas do conhecimento. Para Marcovitch, a universidade proporciona esta integração entre os discentes, bem como, propõe e fortalece a ação do aluno como sujeito social, ampliando não somente seu saber científico, mas também seu saber humano e salienta:

Ela é o melhor lugar possível para uma enriquecedora transição da adolescência para a juventude e, depois, para a idade adulta. A universidade tem ainda o papel de formar a cidadania. Cabe-lhe, e talvez seja essa a sua principal função, desenvolver a inquietude do ser social (Marcovitch, 1998, p.23).

Para Maffesoli (2011), estamos vivendo um momento de mudança societal, no qual as ciências devem estar ligadas a vida social. Assim, a pesquisa só teria futuro se souber propor “novas palavras, se ela souber propor novas metáforas” (p. 523). Se o conhecimento, que é um saber coletivo, for compartilhado.

Nesse sentido de partilha, os assuntos trazidos à mesa redonda são geralmente constituintes dos projetos individuais de cada aluno, o que faz com que cada um desses integrantes tenha um conhecimento um pouco mais aprofundado que os demais do grupo em

determinado assunto, explicando e propondo aos colegas a usabilidade em suas pesquisas, a partir do olhar teórico de um determinado autor e/ou corrente teórica. O posicionamento referencial de cada um é discutido e proposto, a fim de acrescer o conhecimento acerca do tema.

Este é outro ponto de extrema relevância no grupo, a questão do posicionamento referencial metodológico e teórico, em que cada pesquisador possui o seu modo de fazer e saber muito particular, articulando conhecimentos próprios com os dos demais pesquisadores. Aí está uma das grandes virtudes dos estudos coletivos, permitirem a troca de saberes necessários para a construção humana transdisciplinar⁸.

A produção acadêmica, seja no mestrado, seja no doutorado, possui na área das ciências sociais, a característica de ser um estudo solitário, envolvendo o pesquisador e seu orientador junto a um problema de pesquisa. Mesmo ingressando no programa de pós-graduação com objetivos comuns, como a dedicação à pesquisa e a carreira docente, inúmeros são os casos de pessoas que passam pelos programas de pós-graduação sem dialogar com seus pares sobre as dificuldades e satisfações do campo. Os Grupos de Pesquisa, formalizados em 1992 através do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ, constituem um campo de investigação coletiva, entretanto, em sua maioria, tratam-se de projetos específicos, com pesquisas delineadas, vinculadas a projetos dos professores-orientadores do programa de pós-graduação. A produção e a convivência proveniente desses grupos certamente é enriquecedora, mas permanecem numa discussão de temática única, com referencial comum aos pesquisadores que dela participam.

A proposta de trabalho de grupos de estudos discentes, no formato em que funciona

o GEISC visa então valorizar a dimensão coletiva de um programa de pós-graduação, não só no sentido de produção acadêmica, mas no sentido da partilha. Acreditamos que não é apenas da pesquisa individual, com um objeto específico que um pesquisador é feito. A construção/formação do cientista passa pelo diálogo com diferentes correntes teóricas, diferentes metodologias, implicando na saída de sua zona de conforto, passando, assim, pelo constante questionamento. O GEISC, ao acolher pesquisadores da área de comunicação interessados em questões da cultura e sociedade, se torna um grupo bastante heterogêneo, principalmente quando falamos na área de origem dos pesquisadores, propiciando um diálogo profícuo e salutar entre os participantes.

Manter o trabalho de um grupo de estudos discentes, no entanto, não é algo fácil de ser realizado, devido aos desafios cotidianos que cercam grupos de diferentes pessoas, com diferentes agendas. O sucesso de existência de um grupo de estudos como esse, se consegue a partir do esforço e participação coletiva. As tomadas de decisões, que devem ser partilhadas entre todos, o comprometimento dos integrantes no que diz respeito ao comparecimento dos encontros, a preparação de materiais para as reuniões, a participação ativa nas discussões, exige a responsabilidade dos participantes, o reconhecimento de uma liderança que seja legitimada pelo grupo, a disciplina nas execuções das tarefas e o respeito e reconhecimento das diferenças. Por isso, ressaltamos a importância do comprometimento com o grupo como uma atividade de formação profissional, e não um espaço que os bolsistas têm obrigação de frequentar. Precisamos expor, principalmente aos discentes que adentram o ambiente acadêmico, que frequentar um grupo de estudos é enriquecedor

para sua formação como pesquisador por ser um local de discussões teórico-metodológicas e um local de construção de redes de conhecimento e de produção coletiva.

O compromisso de cada um com o todo é fundamental para o bom andamento dos trabalhos, independente do número de participantes presentes a cada semestre. Esse é outro grande desafio e ao mesmo tempo, o que faz o grupo ter uma renovação: a constante rotatividade de participantes. Como a maioria dos alunos do programa de pós-graduação permanece nos grupos apenas durante o período em que estão cursando a pós (dois anos para o mestrado e quatro para o doutorado), a rotatividade de participantes é grande, tornando a permanência dos trabalhos um grande obstáculo para a manutenção do grupo. Por ser formado e administrado pelos discentes, exige grande disciplina e comprometimento de seus líderes para que o trabalho não se extinga. Ao mesmo tempo em que é um desafio, a chegada de novos pesquisadores dá um caráter de renovação para o grupo a cada ano. Por termos participantes em diferentes estágios da pós-graduação, alguns acabando o processo de doutoramento enquanto outros adentram o mestrado, a troca é ainda maior e enriquecedora para todos os participantes, que aprendem com a experiência e anseios diferentes de cada fase do processo de formação do pesquisador.

No momento de fazermos produções coletivas, o desafio se encontra em produzir textos coerentes e coesos. O princípio da coletividade e da solidariedade, respeitando as diferenças e individualidades dos colegas é condição indispensável para o bom funcionamento do grupo. No que diz respeito à produção, está um dos marcos da história do GEISC: a produção de um e-book composto de artigos de seus

integrantes e publicado pela EDIPUCRS. O livro *Comunicação Midiática: matizes, representações e reconfigurações*⁹ teve gestação de cerca de um ano e meio, foi inteiramente produzido e revisado pelos próprios alunos e conta com 13 artigos produzidos por membros do grupo, e apresentações dos professores integrantes do PPGCOM, Cristiane Freitas, Ana Carolina Escosteguy e Eduardo Pellanda. Outro momento que mostrou a maturidade e união do grupo foi seu registro junto ao CNPq em 2011, sob a tutela da professora Juliana Tonin. O amadurecimento do grupo, assim como seu sucesso como espaço de formação e troca de experiência pode também ser percebido pelo aumento da quantidade de alunos doutorandos que participam assiduamente de seu cotidiano. Apesar de em seus primeiros anos contar com poucos doutorandos, hoje, estes formam quase metade de nosso atual quadro de participantes efetivos, em sua maioria alunos que começaram a frequentar o grupo como mestrandos e permaneceram quando de seu período de doutoramento.

Além de atividades que valham pontos no currículo, como a elaboração de eventos, a apresentação de trabalhos e as publicações em livros e periódicos, vemos o grupo como um espaço de discussão teórico-metodológica que nos auxilia a traçar um percurso de pesquisa com maior flexibilidade. Em tempos em que a marca do trabalho é a super especialização, tentamos agregar a diversidade de temas e correntes teóricas visando a amplitude de visões sobre a cultura, o cotidiano e a sociedade.

De fato, a hiperespecialização impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui). Ora, os

problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Além disso, todos os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário (Morin, 2002, p. 14).

Atuando num meio em que a lógica de competitividade e produção (afinal, somos avaliados pela quantidade de publicações em periódicos, livros e eventos classificados como de qualidade) imperam, o grupo de estudos atua no sentido de partilhar experiências e na lógica da solidariedade, compreendendo que a troca e a convivência nos ensina mais do que a pesquisa solitária. Entendemos esse constante diálogo e, muitas vezes, embates teóricos, como um espaço de produção discente não no sentido quantitativo, mas no sentido de espaço provocador de criatividade do pesquisador. Para Maffesoli (2011), quando não restringimos o trabalho ao trabalho (no caso, quando não restringimos nosso olhar apenas para a nossa pesquisa particular), enriquecemos o trabalho e a criatividade surge.

Para Morin é preciso unir o pensamento humanista e o científico, que atuam de forma separada atualmente. Percebemos que, além da separação das culturas científicas e humanistas, dentro de nossas próprias áreas específicas temos cada vez mais, maiores especializações e, assim, separações que nos prejudicam e nos impedem, muitas vezes, de enxergar o todo ao olharmos apenas para as partes. Ao nos fecharmos em nossos projetos de pesquisa, colaboramos para uma hiperespecialização do saber, quando os problemas se mostram

cada vez mais, como diz Morin (2002, p.13), polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários. Em sua proposta de reformar o pensamento, Morin fala sobre sete diretivas para um pensamento que une. Chamamos a atenção aqui para a sétima diretiva, que é o princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento, segundo o qual, todo conhecimento é uma reconstrução feita por uma mente em uma determinada cultura e época.

Isso indica que um modo de pensar, capaz de unir e solidarizar conhecimentos separados, é capaz de se desdobrar em uma ética da união e da solidariedade entre humanos. Um pensamento capaz de não se fechar no local e no particular, mas de conceber os conjuntos, estaria apto a favorecer o senso da responsabilidade e o da cidadania. A reforma do pensamento teria, pois, consequências existenciais, éticas e cívicas (Morin, 2002, p. 97).

Os grupos de estudos discentes não propõem uma reforma do pensamento nos moldes de Morin, entretanto, ao propormos o diálogo entre diferentes correntes teóricas tentamos formar pesquisadores com mútuo respeito e com espírito solidário. Assim, gostaríamos de salientar sobre a satisfação e o engrandecimento que é participar deste projeto coletivo que são os grupos de estudo, em especial o GEISC. A cada reunião realizada temos parte de uma caminhada cumprida e construída com companheirismo, tendo o posicionamento acadêmico de cada integrante fortalecido.

Referências

MAFFESOLI, Michel; ICLE, Gilberto. Pesquisa como Conhecimento Compartilhado: uma entrevista com Michel Maffesoli. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 521-532, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 17 nov. 2012.

MARCOVITCH, Jacques. **A universidade (im) possível**. São Paulo: Futura, 1998.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

Notas

1 Mestre em Comunicação Social e Doutoranda em Educação pela UFRGS. Email: bruna.rochasilveira@gmail.com

2 Doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS. Email: fernanda.freitas.001@acad.pucrs.br

3 Doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS. Email: lucialoner@gmail.com

4 Informação verbal (Comunicação pronunciada em palestra aos alunos de pós-graduação).

5 São eles: Grupo de Estudo sobre Design da Imagem e seus Discursos (Gedid), Ubiquidade tecnológica da sociedade em rede

(Ubitec), Grupo de Estudos em Comunicação Organizacional (Gecor), Grupo de Estudo sobre Cinema e Literatura (Cinesofia), Imagem e Imaginário e Comunicação, Linguagem e Discurso (Clidi).

6 A coordenação do PPGCom Famecos, tendo em vista fomentar a participação discente, tornou obrigatória a vinculação e participação de seus alunos bolsistas a, ao menos, um dos grupos institucionalizados.

7 A fomentação das ferramentas eletrônicas como o blog (disponível em <http://geiscpuc.wordpress.com/>) e o Facebook tem sido tarefas difíceis, mas é uma das metas na qual o grupo pretende investir seus esforços.

8 Segundo o artigo nº 3 da Carta à Transdisciplinaridade: A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma nova visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa (MORIN, 1994, p.2).

9 PEDROSO, Dafne; COUTINHO, Lúcia; SANTI, Vilso Junior (Orgs.). Comunicação midiática: matizes, representações e reconfigurações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. Disponível em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/comunicacaomidiatica.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2012.